

PROJETO

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS, CULTURAIS E INDÍGENAS

FASAR/NOVO HORIZONTE - SP

Apresentação

Nossas concepções em termos de Política de Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena visam potencializar o papel da FASAR (Faculdade Santa Rita de Novo Horizonte - SP) como difusora da história e da cultura afro-brasileira e indígena, em prol de uma formação para a cidadania responsável e para construção de uma sociedade justa em termos de igualdade de direitos e democracia.

Contexto e embasamento teórico

A multiplicidade da formação do povo brasileiro reflete uma heterogeneidade cultural, étnica e racial, constituindo riqueza e marca nacional, realidade que tem despertado a atenção de diversos setores da sociedade e de organizações nacionais e internacionais.

Por sua vez, a tensa relação, muitas vezes oculta, entre a cultura afro-brasileira e indígena e a cultura branca e europeia (que comporta também de ideologias, desigualdades e estereótipos racistas), tem gerado inúmeras polêmicas, todavia, já é sensível uma conscientização identitária por parte das populações historicamente submetidas.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo IBGE (2014), “a população brasileira que se autodeclara negra ou parda está aumentando na última década, 53% dos brasileiros se declararam pardos ou negros no ano passado, diante de 45,5% que se disseram brancos”, o que demonstra que a assunção de uma identidade por parte de grupos discriminados e que culturalmente sofreram tentativas de alienação de sua condição está em curso na sociedade brasileira.

Para Katia Regis, da Universidade Federal do Maranhão, coordenadora da primeira licenciatura do Brasil de estudos africanos e afro-brasileiros, o crescimento da população que se autodeclara negra é o reflexo dos anos de luta do movimento negro e também do acesso à educação. “A população negra que tem mais acesso ao conhecimento efetivo da história africana e afro-brasileira passa a se ver mais positivamente como negra”, afirma.

Contribuíram também para tal os movimentos pela autonomia e afirmação cultural dessas populações sua história de lutas (MOURA, 1972), bem como um resgate da memória (BENJAMIN, 2012), sofrimentos e discriminação sofridos. Conhecendo sua história, os negros assumem o orgulho da sua cor e a consciência de sua condição social.

Apesar do orgulho crescente, os negros se dividem entre a satisfação com a própria cor e a difícil realidade distinta para cada grupo étnico no Brasil. Essa é a parcela da população que mais sofre com a violência, salários menores e crimes racistas no país, sendo afetados pelo preconceito e pela discriminação que os submete.

Também os indígenas foram afetados pelas relações injustas e pela crescente corrosão de sua identidade, recuperar sua história, tratando-os como sujeitos e não simples contingente é tarefa que urge (GOMES, 2010, 2012).

Justificativa

Nesse sentido, a FASAR, preocupada com a formação de cidadãos autônomos, participativos e criticamente reflexivos, visa desenvolver um conjunto de ações a fim de fortalecer o reconhecimento do pluralismo cultural, étnico-racial, com fundamentos na cultura de paz, portanto, “considera imprescindível que seu Projeto Pedagógico

contemple temáticas vinculadas de forma direta e/ou indireta à história e cultura afro-brasileira, africana e indígena” (PDI, 3.5.2).

Como embasamento legal utilizamos a Lei Federal nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas e a Lei Federal nº 11.645/08, que inclui o ensino da História e Cultura Indígena no sistema de ensino.

Essa Política, portanto, pretende promover a valorização da cultura e o reconhecimento da diversidade étnico-racial e, notadamente, a educação para a cidadania, para a justiça e para a paz, contribuindo para a vigência da tolerância, da equanimidade e da cultura democrática.

Objetivo Geral

Promover o estudo – fundado nas dimensões histórica, social e antropológica oriundas da realidade brasileira – das relações étnico-raciais, do reconhecimento e valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro e indígena e da diversidade da nação, em prol do combate ao racismo e à discriminação que atingem a nossa sociedade, particularmente, afetando os contingentes afrodescendentes (contemplados também os quilombolas) e indígena. Com isso, pretendemos educar para a formação de atitudes, posturas e valores que conscientizem e eduquem os cidadãos a respeito de seu pertencimento étnico-racial, para a interação e construção de uma sociedade democrática, comprometida com a igualdade, com a garantia de direitos e com a valorização da identidade.

Objetivos Específicos

Com base no que dispõem os fundamentos e o objetivo geral desta Política, são objetivos específicos da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena a serem observados conforme cada fase, etapa e modalidade:

- ☐ promover reparações, reconhecimento e valorização da história, da cultura e da identidade da população afrodescendente e indígena;
- ☐ fomentar o direito de reconhecimento e de expressão dos negros e dos índios no Estado brasileiro; assim como dirimir os obstáculos a uma espontânea assunção da identidade;
- ☐ divulgar o direito de os negros e os índios, assim como de todo brasileiro, frequentarem instituições educativas, em seus vários níveis, de qualidade e devidamente instaladas, sem qualquer desigualdade étnico-racial;
- ☐ contribuir para a educação da não-discriminação em âmbito local, regional, nacional e internacional, com o fim de valorizar e difundir as manifestações culturais, assegurando-se o exercício dos direitos culturais e a diversidade étnico-racial;
- ☐ consolidar o papel da FASAR como agente cultural, promotor e defensor do direito à cultura e à igualdade;
- ☐ fortalecer as potencialidades da FASAR e combiná-las com as demandas da sociedade, ampliando parcerias e intercâmbios a favor da promoção e defesa da diversidade cultural e de todo seu legado histórico;
- ☐ incentivar o estudo e a valorização das relações étnico-raciais no ensino, na pesquisa e na extensão.

Plano de Ação

Para a efetivação desta Política, em prol do reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileiras e indígenas, propõe-se:

- ☐ garantir o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, educação das relações étnico-raciais, em conteúdo de disciplinas, sob várias modalidades, atividades extraclasse ou projetos de diferentes naturezas;
- ☐ introduzir, na formação dos profissionais da educação, o estudo das relações étnico-raciais e do ensino e da aprendizagem da história e cultura afro-brasileira e indígena;
- ☐ divulgar as experiências pedagógicas e acadêmicas sobre a educação das relações étnico-raciais;
- ☐ realizar periodicamente eventos acadêmicos que promovam a diversidade étnico-racial;

- articular parcerias entre a FASAR e núcleos de pesquisa sobre as relações étnico-raciais, assim como com a comunidade e os movimentos sociais, visando à formação de professores para a educação étnico-racial;
- ampliar a participação da comunidade nas atividades culturais e promover a igualdade étnico-racial, dentro ou fora da Instituição;
- participar, com a sociedade, das práticas de proteção ao patrimônio cultural material e imaterial local, regional e nacional;
- inserir, nos documentos normativos e de planejamento de ensino, o combate ao racismo e à discriminação, e a valorização e respeito à história e cultura afro-brasileira e indígena, com base na Lei Federal nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas e a Lei Federal nº 11.645/08, que inclui o ensino da História e Cultura Indígena no sistema de ensino.

APLICAÇÃO DO PROJETO/CRONOGRAMA

- **10/10/2016, exposição sobre a Cultura Brasileira e as Relações Étnico Raciais:** com apresentação de teatros (Menina Bonita do laço de Fita), poesias, depoimentos e construção de sala temática sobre a “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. O evento foi organizado com a participação, além dos alunos de Pedagogia, dos alunos de Administração, dos alunos do 4º ano do Colégio Anglo – Santa Rita e de membros da comunidade local, buscando integrar o Colégio e a Faculdade por meio de atividades pedagógicas que possam unir a teoria e a prática. Diante da vigência da Lei 11.645/08 que prevê a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” nas escolas, nós da FASAR (Faculdade Santa Rita) acreditamos que se faz necessário a reflexão permanente sobre seus propósitos, alcances e limites, especialmente levando-se em conta a forma como as temáticas abrangidas pela Lei são contempladas nos currículos dos cursos que formam os professores incumbidos de aplicá-la. Dessa forma, objetivamos analisar historicamente o sentido da inclusão dessa temática nas salas de aula, em uma sociedade na qual os segmentos economicamente dominantes naturalizam as diferenças entre as classes sociais. Sendo a educação escolar um reflexo, em última instância, das correlações de forças existentes em uma dada sociedade, ela própria reflete os valores dominantes, bem como as suas contradições. Daí porque pode servir

tanto para a legitimidade das diferenças quanto para o desenvolvimento de propostas com vistas a superação dos mecanismos opressores que geram as desigualdades.

Para um melhor esclarecimento de caminhos didáticos possíveis para a temática em questão, faz-se urgente desenvolver práticas de questionamento do senso comum acerca das relações étnico-raciais em nossa sociedade. Em nosso entendimento, a compreensão da História da escravidão do negro e do índio, bem como das formas de resistência, poderá contribuir para a luta contra a dominação de classes presente no cenário contemporâneo. Desvelar a trama da história é da mais alta relevância para a superação das injustiças sociais. Por fim, cabe aos intelectuais comprometidos com os segmentos populares, repensar a formação de professores em uma perspectiva que valorize a fundamentação teórica e metodológica, os conteúdos específicos de suas disciplinas e suas práticas, a fim de que possa constituir o contraponto necessário para não cairmos em meras situações paliativas.











- 08/11/2016 - No dia 08 de novembro de 2016, na XIV Semana Acadêmica da FASAR (Faculdade Santa Rita de Novo Horizonte), o projeto de Étnico Racial teve a sua continuidade com a música “Festa de Boi-bumbá”, da Banda Carrapicho, na disciplina de Corpo, Movimento e Música, ministrada pelo professor especialista Lauro Gomes, para as alunas do 6º termo do curso de Pedagogia; nessa dança as próprias alunas desenvolveram a coreografia, figurinos e maquiagem, baseando-se na cultura indígena.



RELAÇÕES ÈTNICO RACIAIS – A QUESTÃO INDÍGENA

Ao lermos uma matéria sobre Mitos indígenas para crianças na revista eletrônica Carta Educação, nos encantamos com a reportagem, mas ao finalizar nosso encantamento foi maior ainda, já que o autor era Daniel Munduruku pertencente à etnia indígena mundurucu, graduado em Filosofia e Doutor em Educação pela USP, é escritor de vasta obra voltada para crianças e jovens sobre a temática indígena, com vários prêmios nacionais e internacionais que podem ser confirmados em seu blog <http://danielmunduruku.blogspot.com.br/p/daniel-munduruku.html>.

Conhecendo parte da história e da produção de Daniel Munduruku resolvemos trabalhar a questão indígena pelo viés dos Mitos Indígenas.

Apresentar os mitos indígenas para crianças é um maravilhoso exercício para reviver as expressões que os povos ancestrais criaram para aceitar a condição humana. Em tempos antigos, homens e mulheres sentavam-se ao redor do fogo para contar suas façanhas diárias: a luta contra um animal feroz, o susto de encontrar um ser da floresta. Narrar o ocorrido gerava a certeza de um pertencimento ao universo em que se vivia. Naquele momento, todos compreendiam que o universo – contemplado nas noites sem lua – era uma infinita teia. A vida era um emaranhado de fios tecidos por uma misteriosa mão que pairava sobre toda forma de vida e que era capaz de manipular os acontecimentos naturais (chuva, trovões, nascimentos e mortes), para lembrar a todos sua finitude.

Mitos indígenas brasileiros

Segundo Daniel Munduruku os povos indígenas que aqui viviam, antes da chegada dos portugueses eram aproximadamente 900 povos e 1,1 mil línguas distintas entre si. Habitavam todas as regiões desta terra e tinham uma gama de conhecimentos incompreensíveis aos que estavam chegando, como senhores ou escravos. Como quem estava chegando, sentiu-se no direito de colonizar, ignorou totalmente os saberes nativos e passou a dizimar ou a reduzir a diversidade em um único (pré)conceito que chegou até os dias atuais: os índios.

De acordo com o autor acima citado precisamos resgatar essa diversidade que ainda está presente em nossa terra. Começar por meio dos resgates dos mitos ancestrais é uma fórmula que pode dar certo para aproximar os indígenas das crianças brasileiras. Do mesmo modo, nossos povos indígenas brasileiros desenvolveram essa leitura do mundo

para explicar o que para eles era inexplicável: a origem do mundo e das coisas, os ciclos da natureza, nossa condição humana de homem ou mulher, os lugares sociais de cada um, a grandiosidade do cosmos, a vida e a morte. A resposta para cada uma e de outras dessas questões eram dadas em forma de histórias, a maneira mais simples de fazer as pessoas entenderem a complexidade da vida. Essa contação de histórias nunca foi uma forma de iludir as pessoas, mas de oferecer um norte a ser seguido enquanto membro daquele povo. Dessa maneira firmavam um compromisso de cuidado com o Todo que era de todos e se construía a harmonia necessária para a convivência diária.

Por este motivo as professoras Patrícia Tadei de Língua portuguesa (1º termo) e Renata Prado (5º termo) em Educação e Criatividade resolveram trabalhar com os (as) discentes do curso de Pedagogia os Mitos, lendas e Cantigas Indígenas.











O Professor Dr Edison Bariani Júnior com a disciplina de Antropologia (1º termo) trabalhou a questão indígena por meio de documentários. Foram exibidos três documentários:

- 1) Sobre “O que é cultura”, os processos culturais, aculturação, assimilação, mistura e **melting pot** de culturas e como tais processos refletem e ao mesmo tempo condicionam a situação de vários grupos étnico-raciais;
- 2) sobre “A formação da cultura brasileira”, que registra o processo de formação da cultura, a importação de ideias, a assimilação da cultura indígena e negra, assim como a importância dos vários grupos étnico-raciais na formação da cultura brasileira;
- 3) Sobre “A imigração no Brasil”, no qual são abordadas as várias ondas de imigração para o país, as várias nacionalidades e etnias que vieram, a contribuição cultural e social desses grupos e como eles ajudaram a compor o mosaico da sociedade e cultura brasileiras.

A professora Ma Anita Gombrade Pereira em Didática e Metodologia de História e Geografia (7º termo) trabalhou a Lei 11.645/2008, esclarecendo aos alunos a importância de tal lei e uma breve explanação sobre a cultura indígena, mostrando aos discentes a importância do povo indígena para a construção da identidade brasileira e desmistificando a ideia de que os índios viviam e vivem da mesma maneira.

Foram formados grupos de trabalho, orientando quais fontes de pesquisas deveriam ser procuradas. Cada grupo ficou responsável por uma temática relacionada a cultura indígena.

A mesma docente também trabalhou a questão Indígena na disciplina de Avaliação da Aprendizagem (3º termo) por meio do vídeo: Demarcação Já, posteriormente os discentes redigiram um texto discutindo a situação dos Índios na atualidade.

REFÊRENCIA

<http://www.cartaeducacao.com.br/aulas/fundamental-1/mitos-indigenas-para-criancas/>.
Acesso em 20 de março de 2017

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

GOMES, Mércio Pereira. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

_____. **Os índios e o Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MOURA, CLÓVIS. **Rebeliões da senzala**. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**, realizada pelo IBGE (2014)

REIS, Katia. **A FUNDAÇÃO CULTURAL KWIÊ-NLÃ**: contribuições para construção da identidade negra e para o conhecimento da história e cultura africana e afro-brasileira na cidade de pinheiro-ma, fihamma soares abrantés , 04/2016
